

14º Seminário Nacional Sociologia & Política

Saberes em Confluência

GT 3 - Trabalho e Ação Coletiva no Século XXI

APONTAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS A RESPEITO DA IDEOLOGIA DO EMPREENDEDORISMO NA PLATAFORMIZAÇÃO DO TRABALHO

Breno Bach Taques Camargo¹

INTRODUÇÃO

O empreendedorismo, e as narrativas associadas a esse termo, tornaram-se questões latentes para diversos campos do conhecimento nas últimas décadas, particularmente nas ciências sociais, incluindo áreas aplicadas, como a economia e o planejamento de políticas públicas. Dentre os ramos de especialização, a Sociologia do Trabalho vem abordando a questão na contemporaneidade, principalmente a partir das pesquisas sobre pejetização e uberização, explorando não apenas as contradições quanto ao enquadramento jurídico desses trabalhadores, mas também entre situação laboral e autopercepção, ou, em outros termos, entre posição de classe e consciência. Essas discussões frequentemente aparecem também em espaços não acadêmicos, nos quais os comentários que afirmam que os trabalhadores plataformizados são explorados pelas empresas e se percebem, seguindo o discurso corporativo, enquanto empresários, são comuns.

Partindo então do objetivo de *compreender como os entregadores plataformizados entendem o significado de empreendedorismo*, esse artigo argumenta, ainda que em bases exploratórias e preliminares, que há alguns desencontros a respeito do que esse conceito comunica em diferentes setores, e aponta possíveis caminhos investigativos para um avanço nessa agenda de pesquisa.

¹ Mestrando no programa de pós-graduação em Sociologia da UFPR (PGSOCIO). Os dados mobilizados nessa pesquisa são oriundos da pesquisa coletiva *Relações de trabalho em plataformas digitais em contextos periféricos: fator de repadronização na América Latina?*, produzida com recursos do CNPQ. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — Brasil (CAPES) — Código de Financiamento 001. Contato: Breno.btcamargo@gmail.com

Os dados utilizados são fruto da participação, na condição de Iniciação Científica, em uma pesquisa coletiva produzida com recursos do CNPQ e orientada pela professora doutora Maria Aparecida da Cruz Bridi, intitulada *Relações de trabalho em plataformas digitais em contextos periféricos: fator de repadronização na América Latina?*, que por sua vez insere-se na pesquisa mais ampla *Relações de trabalho em plataformas digitais em contextos periféricos: fator de repadronização na América Latina* desenvolvida na rede de cooperação de pesquisadores latino-americanos REDLATT-Plataformas². Em nosso recorte de pesquisa coletiva, e da equipe de pesquisa local³, foram entrevistados 57 entregadores plataformizados da região sul⁴ do Brasil, principalmente da cidade de Curitiba, com o intuito de recolher dados quantitativos e, principalmente, qualitativos a partir de entrevistas anônimas, semiestruturadas, que contaram com perguntas fechadas e abertas. Utilizando uma amostragem não representativa e metodologias de recrutamento via método bola-de-neve, divulgação em grupos de entregadores com temáticas variadas e divulgação com panfletos em pontos de apoio dos trabalhadores. Para um recorte geográfico mais definido, optou-se por utilizar aqui apenas as 43 entrevistas de Curitiba e não o total de 57, que inclui outras cidades.

É relevante ressaltar que o roteiro utilizado foi construído coletivamente por pesquisadores de diversas universidades latino-americanas. Apesar da amplitude das entrevistas, com durações médias cerca de 1h30, as perguntas não foram formuladas tendo o problema desse artigo como foco, ainda que o cruzamento dos dados produzidos desenhe apontamentos importantes para essa discussão.

A problemática levantada aqui surgiu justamente da constatação, a partir da sistematização dos relatos coletados na pesquisa REDLATT em Curitiba, de que parece proliferar entre a categoria dos entregadores plataformizados a visão do empreendedorismo enquanto *ethos*, e não necessariamente relacionada com posição de classe. A comparação de diversas respostas apresentadas indica que, para a maioria dos entrevistados, não há nenhum paradoxo em integrar uma classe social subalterna e ser um empreendedor.

² *Relações de trabalho em plataformas digitais em contextos periféricos: fator de repadronização na América Latina*, em vigor no período de 2023 a 2025, conta com a coordenação geral de Roberto Vêras de Oliveira e uma coordenação nacional composta por Maria Aparecida Bridi, Mario Ladosky, Diego Blanco, Marcelo Manzano e na parte de análise jurídica, Sidnei Machado. Além das pesquisadoras estrangeiras Andreia Delfino (Argentina) e Laura Moisa (Colômbia).

³ A pesquisa é realizada em várias cidades do Brasil. A Equipe das cidades do Sul do Brasil é composta pela professora Maria Aparecida Bridi, pelos estudantes Ana Souza, Breno Camargo e Victor Arthur (PIBIC-UFPR); dos doutorandos do PPGSOCIO Andrew Carlin, Andriele Arnoud, do mestrando Pedro Basso, a pós-doutoranda Georgiana Luna, além de Giovana Duarte.

⁴ Os municípios incluídos na pesquisa foram Panambi, Quevedos, Santa Maria, Florianópolis e, com maior preponderância, Curitiba.

A principal conclusão apresentada é a da necessidade de avançar o tópico para além de análises que classificam a visão desses segmentos como “falsa consciência”, sem investigações mais aprofundadas. Argumenta-se a favor da necessidade de formular novos desenhos de pesquisa, capazes de explorar em profundidade os sentidos que esses trabalhadores atribuem à ideia de serem empreendedores. Os resultados aqui apresentados não negam teses consolidadas sobre o tema, como a que classifica o empreendedorismo enquanto ideologia no sentido marxiano do termo, porém, apresentam a necessidade de investigar as particularidades dessa racionalidade em seus contextos específicos.

O foco no discurso corporativo apresentado pelas empresas-plataforma, ainda que relevante do ponto de vista analítico, costuma deixar de fora a dimensão de como esse discurso é integrado entre os trabalhadores. Portanto, o esforço a seguir se dá na tentativa de mudar momentaneamente o enfoque e construir marcos para pesquisas capazes de explorar como a ideologia do empreendedorismo se entrelaça com as identidades e visão de mundo dessa força de trabalho superexplorada, partindo de uma lógica indutiva. A tarefa é complexa e ultrapassa as limitações dos dados aqui disponibilizados, mas espera-se que os elementos apresentados contribuam de alguma forma para pavimentar esse caminho.

TOMANDO AS CONTRADIÇÕES COMO NORTE

Nos momentos finais das entrevistas, foi apresentada uma série de afirmações, sendo requisitado que os entregadores classificassem essas frases a partir de uma Escala Likert, isto é, responder se concordam totalmente ou parcialmente; discordam totalmente ou parcialmente; ou não têm opinião sobre o assunto. Duas dessas afirmações são especialmente relevantes para a temática aqui investigada: “O entregador é um empreendedor, que trabalha fazendo sua jornada e seu salário de forma autônoma” e “O entregador é um trabalhador que atua de modo subordinado e explorado pelos aplicativos”.

Tabela 1: Posição dos entrevistados⁵

⁵ Legenda: CT: Concordo totalmente; CP: Concordo parcialmente; DT: Discordo totalmente; DP: Discordo parcialmente; SO: Sem opinião.

Indique, nas afirmações abaixo, qual o grau de concordância ou discordância	CT	CP	D T	D P	SO
A política é importante porque decide leis e direitos para a vida das pessoas	25	6	4	4	4
A religião é o que há de mais importante na minha vida	10	7	18	5	3
As entregadoras sofrem com machismo no trabalho	16	7	9	3	8
Eu sugeriria a outras pessoas da família trabalhar como entregador	15	10	11	6	1
O entregador é um empreendedor, que trabalha fazendo sua jornada e seu salário de forma autônoma	24	12	2	4	1
O entregador é um trabalhador que atua de modo subordinado e explorado pelos aplicativos	15	10	14	4	0
O trabalho de entrega deve ser só para homens	2	1	40	0	0
Os entregadores devem ter seus direitos garantidos	34	5	2	1	1
Os entregadores não brancos sofrem com racismo no trabalho	24	8	7	1	3
Os entregadores são individualistas e falta solidariedade uns com os outros	7	13	21	2	0
Prefiro trabalhar como entregador autônomo do que como empregado em outro tipo de empresa	21	8	7	7	0
Só organizados em sindicatos ou associações os entregadores podem conquistar melhores condições de trabalho	12	13	13	3	2
Todo entregador deveria ter uma arma para se defender de assalto	1	3	32	7	0

Fonte: Elaboração da equipe coletiva de pesquisa, a partir da pesquisa de campo, Curitiba - PLATLABORAL-REDLATT-2023-2025.

A frase “O entregador é um empreendedor, que trabalha fazendo sua jornada e seu salário de forma autônoma”, teve concordância de 36 entrevistados (83%), sendo que a maioria destes, 24, concordaram totalmente e 12 (26%) concordaram parcialmente. Somente 6 (13%) discordaram total ou parcialmente, enquanto somente 1 (2%) não opinou.

Em contrapartida à relativa homogeneidade nas respostas anteriores, “O entregador é um trabalhador que atua de modo subordinado e explorado pelos aplicativos” trouxe à tona uma maior polaridade. A frase recebeu concordância de 25 (58%) dos entrevistados, sendo que 15 (35%) apontaram concordar totalmente e 10 (23%) parcialmente. 18 (41%) discordaram, sendo 14 (33%) totalmente e 4 (9%) parcialmente.

As reações de diversos entrevistados, semelhantes à apresentada abaixo, são um dado relevante para pensar a questão da agência e o caráter moral da leitura do termo “explorado”:

Peraí, eu tô...eu discordo total da afirmação. Como ela... Não, eu discordo total. Tipo assim, na afirmação da maneira que ela foi construída, eu discordo, sim. Acho que não é dessa maneira também, cara, porque querendo ou não, quando eu digo “subordinação e tudo mais”, eu tenho a opção de não me submeter, entende? Existe essa opção de eu não me submeter a isso. Então, eu não vejo tão dessa forma exploratória. Mas pode... Perdão, Breno, isso agora foi um devaneio meu. (Gael, 48

anos, ensino superior completo, pardo⁶)(Pesquisa Curitiba, Platlaboral- Redlatt, 2025).

O alto nível de concordância com a primeira frase serve como um medidor da influência das narrativas corporativas e da ideologia do empreendedorismo. Mas há aqui uma nuance que levanta e possibilita reflexões e hipóteses a serem investigadas no futuro. Uma parte considerável dos que afirmaram ser empreendedores autônomos também concordou total ou parcialmente com a afirmação sobre ser um trabalhador subordinado e explorado. A leitura destes dados parece indicar que a concepção do que é ser empreendedor e autônomo são possivelmente entendidos aqui como uma espécie de *ethos*, mais do que enquanto posição de classe em sentido estrito.

Entre os 24 entrevistados que afirmaram concordar totalmente com a frase sobre serem empreendedores e autônomos, 8 concordaram totalmente e 6 parcialmente com também serem trabalhadores explorados e subjugados pelas empresas-plataforma. Dos 12 que concordaram parcialmente com a afirmação sobre empreendedorismo e autonomia, metade concordou sobre serem ao mesmo tempo trabalhadores explorados e subjugados, com 5 concordando totalmente e 1 concordando parcialmente. Em síntese, dos 36 que concordam de alguma forma com a primeira afirmação, 20 concordaram também com a afirmação que lhe é “contraditória”, o que significa que 55,56% desses 36 entrevistados não percebem uma contradição em essência ao se enquadrar em ambas as situações definidas. Portanto, 46,51% do total dos 43 entregadores de Curitiba entrevistados de alguma forma concordam com a noção de serem empreendedores autônomos e trabalhadores subjugados concomitantemente, uma cifra que não pode ser desconsiderada, mesmo ao levar em conta os detalhes de cada opinião individual.

Diversas falas de entrevistados trouxeram a frase “o que eu fizer, eu ganho”, e variações semelhantes, seja em tom descritivo ou celebratório. O comentário de Carlos, após responder sobre se os motoboys plataformizados são empreendedores que fazem sua renda e jornada de forma autônoma, é um exemplo de um padrão que repetiu-se:

Na minha opinião, sim, porque concordo totalmente. Porque não tem o que dizer, depende de você. Não tem o que te influencia, o que te afeta nessa parte do motoboy, é você por você, então eu acho que sim (Carlos, 27 anos, ensino médio completo, pardo) (Pesquisa Curitiba, Platlaboral- Redlatt, 2025).

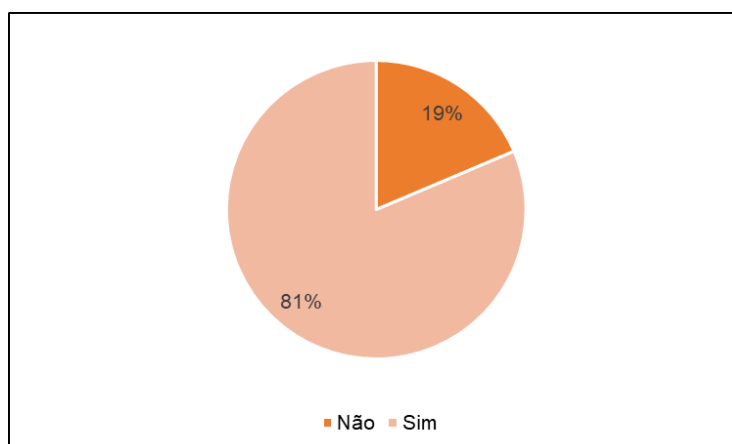
⁶ Todos os nomes de entregadores utilizados no artigo são fictícios, criados para preservar o anonimato dos entrevistados. As categorias raciais utilizadas nas classificações dos entrevistados são fruto de autodeclaração e seguem o padrão do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): Pardo; Preto; Branco; Indígena; Amarelo; Prefiro não responder.

Seria possível apontar que, pelo padrão apresentado nos comentários, os entrevistados focaram na segunda parte da afirmativa do que no elemento empreendedorismo, porém, de todos os que responderam concordar parcialmente com a frase, nenhum questionou sua presença, relativizando justamente o aspecto da suposta autonomia na construção da própria jornada e salário. Ao que tudo indica, essa associação entre os diferentes componentes já faz parte das definições desses trabalhadores sobre o que significa ser um empreendedor, em uma lógica semelhante a de “ser patrão de si mesmo”.

Ainda assim, outro resultado das entrevistas também aponta para o equívoco de assumir que a maioria dos entregadores, ao legitimar a ideia de serem empreendedores, não se percebem enquanto representantes de estratos sociais subalternizados.

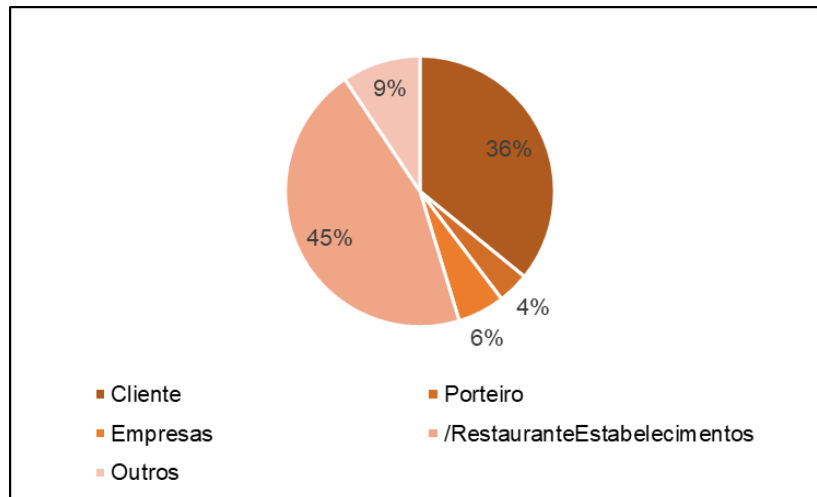
Em determinado momento, foram questionados sobre conflitos no cotidiano de trabalho. Do total de entrevistados, 81% relataram já terem sofrido discriminação, com praticamente todos compartilhando algum relato sobre situações que vivenciaram ou presenciaram, com prevalência de casos envolvendo restaurantes/estabelecimentos (45%) e clientes (36%). Ao serem questionados, a partir de uma lista disponibilizada, sobre quais os fatores acreditavam terem sido centrais nesses casos de discriminação, os resultados foram os apresentados abaixo.

Gráfico 1: Você já se sentiu discriminado e/ou sofreu ofensa no trabalho?



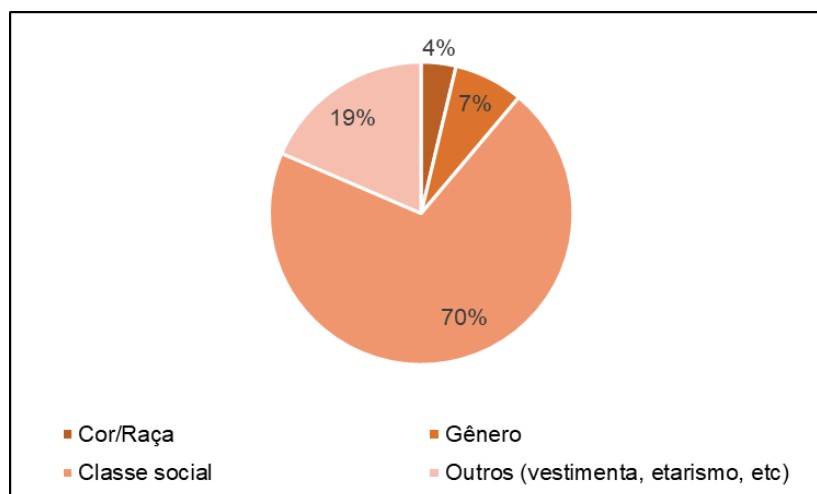
Fonte: Elaboração da equipe coletiva de pesquisa, a partir da pesquisa de campo, Curitiba - PLATLABORAL-REDLATT-2023-2025.

Gráfico 2: Você já se sentiu discriminado e/ou sofreu ofensa no trabalho? (Pode escolher mais de uma opção, entre as positivas).



Fonte: Elaboração da equipe coletiva de pesquisa, a partir da pesquisa de campo, Curitiba - PLATLABORAL-REDLATT-2023-2025.

Gráfico 3: Se sofreu discriminação/ofensa, qual(s) o(s) motivo(s)? (Pode escolher mais de uma opção).



Fonte: Elaboração da equipe coletiva de pesquisa, a partir da pesquisa de campo, Curitiba - PLATLABORAL-REDLATT-2023-2025.

Das respostas sobre os casos de discriminação, 70% do total afirmou que o fator principal foi sua Classe Social. Por mais que a categoria escolhida pelos entrevistados não seja necessariamente um sinônimo de Classe Trabalhadora, os termos e o contexto de subalternidade são correlatos o suficiente para levantar certos questionamentos. Diversos comentários posteriores demonstram que esses trabalhadores possuem suas próprias análises sobre como são vistos pela sociedade, como as elencadas abaixo.

É por isso que eu te falei, você chegar às vezes num prédio pra fazer entrega, a pessoa pedir todos os seus dados, pedir pra você tirar capacete, às vezes deixar você esperando lá do lado de fora com o pedido lá fora, a forma que os porteiros, até mesmo a classe dos porteiros... Cara, eles são muito preconceituosos com os entregadores, *o cara é trabalhador igual a gente* e ele se acha superior porque ele está no controle daquilo... e ele trata mal, ele trata com arrogância. A forma que você trata outra pessoa, por que eu falo da discriminação? Pela forma que as pessoas te tratam. Pela forma que o porteiro vai te receber na portaria do prédio, tratando você com grosseria, tratando você com estupidez. Eu já cheguei em portaria, o porteiro chegava e falava assim: “ó, você tem que entrar em contato direto com o cliente. Eu não vou entrar em contato, você se vira”. Sabe? A própria portaria do prédio agir dessa forma. Eu acho isso ridículo. Eu acho até pela forma que ele tá trabalhando, se ele é porteiro de um prédio, ele é o primeiro. Ele tem que ser o mais interessado em resolver o problema daquela pessoa que tá ali, né? (João, 26 anos, ensino superior incompleto, branco) (Pesquisa Curitiba, Platlaboral- Redlatt, 2025).

Às vezes não vem da classe social mais alta, às vezes vem do mesmo nível. Seguranças, segurança do condomínio, nossa senhora. E até coisa de vigilante, cara, fica louco com a gente (Gael, 48 anos, ensino superior completo, pardo) (Pesquisa Curitiba, Platlaboral- Redlatt, 2025).

Uma vez eu fui num restaurante ali e eles não deixaram nem eu entrar. Eles ficaram olhando, era um restaurante rico, eles não deixaram nem eu entrar pra pegar o pedido. [...] Eu tive que ficar esperando a boa vontade deles e ir lá me levar o pedido (Davi, 27 anos, ensino médio completo, pardo) (Pesquisa Curitiba, Platlaboral- Redlatt, 2025).

Nunca senti, assim, em relação à raça. [...] Por mais que eu seja mais escurinho aqui, eu nunca tive dessa. Mas classe social tem. [...] Tipo, eu que vou na rua vejo as mulheres falando que tem relação ao gênero, tem, eu sei que existe de todas as formas, os estrangeiros eu vejo que tem também, só que da minha parte acredito que seja mais só a classe social mesmo. (Joel, 28 anos, ensino superior completo, pardo) (Pesquisa Curitiba, Platlaboral- Redlatt, 2025).

Esses resultados apresentados enfraquecem teses que afirmam que os entregadores não se identificam enquanto trabalhadores já que se entendem como empreendedores, ainda que a discussão sobre em que nível essa identificação se converte em identidade e fator de mobilização demanda uma etapa mais complexa de análise.

A construção da autopercepção dos entregadores como empreendedores autônomos e trabalhadores explorados simultaneamente se dá, justamente, na forma como os conceitos de autonomia e exploração são percebidos no seu dia a dia. A ideologia do empreendedorismo enfatiza valores como autonomia, mérito e autogerenciamento, sem necessariamente ter a potência capaz de eliminar, como pode ser percebido nos relatos sobre a discriminação sofrida pelos entregadores, a percepção concreta de exploração e pertencimento de classe. Assim, os trabalhadores articulam em sua leitura de sua própria experiência, elementos dessas duas dimensões, por um lado, a vivência imediata de relações sociais de produção marcadas pela dependência e assimetria, e por outro, a afirmação positiva de valores como liberdade e iniciativa individual, associados à sua profissão. A contradição, portanto, não reside apenas no plano das ideias, mas é constitutiva da própria realidade social que combina exploração objetiva e formas ideológicas que podem ser legitimadas pelos trabalhadores como fonte de autovalorização perante si mesmos, seus pares e o restante da sociedade.

Conforme apresentado ao longo dessa discussão, o problema da comunicação de categorias e conceitos é central para discussões a respeito do caráter ideológico de determinados discursos. Ainda que a técnica de entrevistas apresente vantagens com relação a outras formas de pesquisa, como os *surveys*, essa dificuldade permanece e demanda observações e reformulações. Apesar dessas dificuldades, os desencontros entre o que se fala e o que se entende podem ser fortuitos para a elaboração de reflexões e novos problemas de pesquisa, como no caso explorado nesse espaço.

Para além do objetivo e problema aqui delimitados, elementos secundários do desenho de pesquisa demonstram outros obstáculos de mesmo caráter. O exemplo dos entregadores que questionaram a frase sobre subjugação e exploração em seu cotidiano laboral, apesar de serem passíveis de uma leitura enquanto expressões ideológicas, explicitam a dissonância dos significados mobilizados. Dificilmente um entrevistado que não tenha contato com determinadas discussões marxianas a respeito do cerceamento da agência humana pelas condições objetivas da materialidade, interpretaria a condição de “subjugado” da mesma forma que o formulador da frase, mesmo que por uma questão de orgulho próprio a respeito de suas decisões e trajetória. O mesmo pode ser dito do conceito “exploração”, que costumeiramente é interpretado na sociedade brasileira a partir de definições que não são aquelas da teoria do valor-trabalho, entendidas no senso comum como algo de cunho eminentemente moral, o que se apresenta como um problema para desenhos de pesquisa, principalmente por se tratar de uma sociedade na qual a possibilidade de trabalho é muitas

vezes apresentada como algo a ser tomado enquanto privilégio e na qual a crítica pública da própria situação laboral pode ser lida como sinal de “má-vontade”, especialmente entre a população masculina.

Diversos dos entrevistados vinculam as longas jornadas de trabalho, em cenário instável e perigoso, necessárias para a manutenção da própria vida, com a virtude da “independência” na obtenção do próprio rendimento e com o esforço para prover renda a suas famílias. Associando uma visão e ética de trabalho típicos da ideologia do empreendedorismo com um cotidiano permeado pelo sofrimento laboral e, frequentemente, com a informalidade.

O sofrimento decorrido das exaustivas jornadas de trabalho, em última instância, comunicam os elementos que Ludmila Abílio (2021a) denominou como “viração” e “autogerenciamento”. O ritmo de trabalho acelerado, que relaciona-se com a gamificação e gestão algorítmica (Abílio et al, 2021b), é internalizado e verbalizado como uma espécie de ascetismo a ser vangloriado.

A valorização do auto sacrifício, dentro de sistemas morais da classe trabalhadora, não é um fenômeno novo e nem específico do Brasil, sendo destacado por Richard Sennett e Jonathan Cobb em sua pesquisa “The Hidden Injuries of Class”, publicada em 1973, e mesmo na clássica obra de Max Weber, “A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo”, de 1905 (2004). Dito isso, o que aparece como elemento novo é a incorporação dessa dimensão à perspectiva da suposta autonomia e empreendedorismo, características centrais no universo das entregas plataformizadas e de sua gramática corporativa, assim como dos grandes contingentes informais da população economicamente ativa das periferias do capitalismo.

Todas essas questões postulam a necessidade de constituir pesquisas que explorem como esses novos léxicos são mobilizados nessas realidades específicas da América Latina, sem perder de vista, a importância das particularidades na compreensão de como a ideologia opera, e ao mesmo tempo, sem normalizar as relações de violência e exploração as quais as populações subalternas são submetidas.

CONCLUSÃO

Alguns elementos apresentados na introdução são retomados aqui após as considerações sobre os dados recolhidos na pesquisa. Apesar de essas reflexões aparentarem serem secundárias ao problema central discutido, parte-se aqui da leitura de que elas

relacionam-se com os obstáculos elencados nesse artigo para desenvolver roteiros e análises que considerem as nuances da comunicação entre pesquisadores e pesquisados.

O conceito de empreendedorismo é carregado de uma complexa disputa política, na qual diferentes grupos buscam reivindicar o termo, adjetivando-o e adaptando-o para modelos societários variados. Há ainda posições mais radicais, como aquelas que o apontam como uma “bala de prata”, capaz de resolver diversas mazelas da sociedade brasileira, produzir indivíduos polivalentes, produtivos e preparados para o futuro, e aqueles que apontam essa noção como uma mistificação ideológica, mobilizada para desescalar a luta de classes, mascarar a informalidade e aclimatar ainda mais a força de trabalho ao metabolismo social do Capital.

Simplificações à parte⁷, entre as diversas leituras possíveis, esse artigo toma, em certa medida, o partido da última perspectiva. O argumento teórico-metodológico aqui apresentado é de que, por mais que as narrativas associadas ao empreendedorismo sejam, sobremaneira, ideológicas — partem de e são úteis para segmentos da classe dominante, naturalizando relações de exploração e opressão —, abordar esse fenômeno como um discurso coeso, verticalizado e imposto é limitado, particularmente para uma perspectiva sociológica.

Essa visão macroscópica deixa de fora uma série de elementos relevantes, em especial aqueles que dizem respeito à recepção e reformulação da ideologia do empreendedorismo em contextos e culturas específicas, isto é, como as pessoas ativamente apropriam-se dessas narrativas e atribuem a elas variados sentidos, mesmo que sem romper com a lógica dominante. Há aí uma variação relevante a ser compreendida, tanto aos interessados no sentido científico quanto político.

Não há um entrave específico que impossibilite uma maior atenção a como diferentes sujeitos relacionam-se com uma ideia e a análise de que trata-se, de fato, de ideologia, porém determinados cuidados fazem-se necessários. Tratar os indivíduos como invólucros vazios preenchidos pelo discurso dominante é cientificamente empobrecedor, pois perde-se de vista a vivacidade e maleabilidade típicas de processos de consciência, retirando do conceito de ideologia sua própria potência e o reduzindo a um oráculo tautológico, no qual a referência

⁷ As posições elencadas acima são mais complexas do que o apresentado e dificilmente podem ser abordadas seriamente a partir dessas sínteses reducionistas, porém, dadas as devidas limitações do presente artigo, tanto em escopo quanto na delimitação do tema, a abordagem sintética faz-se necessária. Cada uma das posições apresentadas poderia ser alvo de múltiplas dissertações, a partir de incontáveis objetos, mas os objetivos aqui explorados não permitem um aprofundamento sem tangenciar a discussão central.

prévia já apresenta resposta às perguntas formuladas, antes de as mesmas terem sido defrontadas com o empírico.

Uma teoria da ideologia consequente não pode prender-se a lógicas dedutivas apartadas da experiência concreta e de como as relações de produção são naturalizadas e legitimadas pelos grupos dominados, não bastando abordar o aparato ideológico, fazendo-se necessário investigar como os discursos produzidos são adaptados em diferentes segmentos. Nesse sentido, os apontamentos de Slavoj Žižek (2024) e Mark Fisher (2020), sobre a necessidade de compreender a dimensão afetiva e de desejo nos constructos ideológicos oferecem alguns pontos de partida relevantes.

Indo além, os argumentos de Pierre Dardot e Christian Laval, em “A Nova Razão do Mundo” (2017), sobre a necessidade de retomar as preocupações de Michel Foucault com a governamentalidade e de Max Weber com relação à legitimação da dominação, também trazem elementos que se comunicam com as críticas aqui desenvolvidas.

O texto aqui apresentado possui claras limitações, seja na possibilidade de generalização dos resultados obtidos, por se tratar de uma discussão sobre um tema ao qual o desenho de pesquisa original não centrava-se, ou ao deixar claras lacunas ao não aprofundar o diálogo com outras pesquisas da área, elemento que estenderia o desenvolvimento consideravelmente, mas inegavelmente enriqueceria os pontos de apoio argumentativos.

Dito isso, esse artigo representa uma tentativa de desviar de algumas das armadilhas epistemológicas criticadas e apresentar consistentemente apontamentos para uma agenda de pesquisa sobre o empreendedorismo e seu entendimento por parte dos entregadores plataformizados, construindo argumentos a partir de uma lógica indutiva, sem a necessidade de negar marcos teóricos prévios que ainda se mantêm relevantes.

REFERÊNCIAS

ABÍLIO, Ludmila Costhek. Empreendedorismo, autogerenciamento subordinado ou viração? Uberização e o trabalhador just-in-time na periferia. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**, São Carlos, v. 11, n. 3, p. 933–955, 2021a. DOI: 10.4322/2316-1329.2021023. Disponível em: <https://contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/1081>. Acesso em: 20 mar. 2026.

ABÍLIO, Ludmila Costhek; AMORIM, Henrique; GROHMANN, Rafael. Uberização e plataformização do trabalho no Brasil: conceitos, processos e formas. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 23, n. 57, p. 26–56, 2021b. DOI: 10.1590/15174522-116484. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/116484>. Acesso em: 20 mar. 2026.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**. São Paulo: Boitempo editorial, 2017.

FISHER, Mark. **Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?**. São Paulo: Autonomia literária, 2020.

Relatório técnico-científico da pesquisa: **Relações de trabalho em plataformas digitais em contextos periféricos: fator de repadronização na América Latina?** O caso de Curitiba. [recurso eletrônico] BRIDI, Maria Aparecida (coordenação); ARNOUD, Andrielle; ARTHUR, Victor; BASSO, Pedro; CAMARGO, Breno; CARLIN, Andrew; DUARTE, Giovana; LUNA, Georgiana; SOUZA, Ana. Universidade Federal do Paraná, Grupo de Pesquisa Trabalho e Sociedade, 2025

SENNETT, Richard. *The hidden injuries of class*. CUP Archive, 1973.

WEBER, Max. **A ética protestante e o "espírito" do capitalismo**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2004.

ŽIŽEK, Slavoj. **O sublime objeto da ideologia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.

CHECKLIST PARA PAPER COMPLETO	
NORMAS	ASSINALAR COM “✓” OU “OK”
Logo do 14º SNS&P na primeira página	✓
Texto entre 12 e 15 páginas (excluindo capa e referências)	✓
Formato de papel A4	✓
Margens superior e esquerda: 3 cm; inferior e direita: 2 cm	✓

Fonte Times New Roman, tamanho 12	✓
Recuo de 1,25 cm para a primeira linha de cada parágrafo	✓
Espaço entre linhas de 1,5	✓
Referências conforme normas o “Manual de Normalização de Documentos Científicos de acordo com as normas da ABNT” [UFPR]: < https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/73330 >	✓
Conversão do arquivo em .pdf	✓